

O ingresso da charge na mídia: da litografia ao ciberespaço

Antônio Fausto Neto

Doutor em Comunicação Social, Professor. Unisinos/Unifra
afaust@terra.com.br

Carlos Renan Samuel Sanchotene

Graduando em Jornalismo, bolsista de iniciação científica. Unifra
carlos_sanchotene@yahoo.com.br

Resumo: O presente artigo busca fazer um breve recorte histórico sobre a trajetória da charge na mídia, destacando os principais meios de comunicação de massa que contribuíram para o desenvolvimento desse gênero jornalístico na imprensa brasileira, bem como sua função política. Observa-se que as transformações tecnológicas modificaram os modos de elaboração do humor gráfico e, da mesma forma, as charges sofreram mutações para se adequar às novas realidades midiáticas.

Palavras-chave: charge, política, mídia, imprensa ilustrada, humor gráfico

A proposta de estudar a charge na imprensa brasileira insere-se num contexto contemporâneo caracterizado por revoluções tecnológicas que permitiram com que as novas mídias – televisão e internet – se apropriassem desse gênero que, até pouco tempo, era comum tão somente no jornalismo impresso. Da mesma forma, as charges sofreram transformações para se adaptarem às novas realidades midiáticas.

A charge está intimamente ligada a arte do desenho, a arte de representar através da imagem. Sua origem remonta as antigas civilizações em que o homem primitivo revelava a preocupação de narrar os acontecimentos através de inscrições rupestres nas cavernas pré-históricas. De acordo com a pesquisadora Maria Beatriz Rahde (1996, p. 104), ao longo da história na civilização egípcia era muito comum imagens modeladas ou pintadas “no interior dos templos, nos túmulos, nos quais apareciam figuras do faraó, da corte, reportando episódios repletos de símbolos e que representavam cenas de caçadas, de colheitas, de oferendas ou mesmo cenas domésticas”.

Na perspectiva comunicacional, as palavras traduzidas em signos ampliaram as possibilidades de comunicação entre os homens. Segundo Medeiros (2006, p. 30), “a imagem gráfica jamais deixou de ter papel significativo na comunicação humana, uma vez que o acesso à leitura aconteceu de forma paulatina e atingia apenas as classes mais privilegiadas da sociedade”. No contexto político, as charges conquistariam um novo tipo de leitor, uma camada não privilegiada que compreenderia, via imagem gráfica, um novo modo de perceber os acontecimentos através de processos mais explicativos e atrativos.

O objetivo desse texto é fazer um breve registro histórico sobre o ingresso do humor gráfico nos meios de comunicação de massa e o seu papel político, destacando principalmente os veículos impressos, visto que na mídia eletrônica os estudos ainda são muito escassos.

Infografia: a primeira manifestação gráfica

A atividade jornalística nos veículos impressos exigiu, ao longo da história, o desenvolvimento e aperfeiçoamento de técnicas visuais-gráficas que capturassem a atenção do público leitor. Para Sodré (1999, p. 202 e 203):

As inovações técnicas que permitiram o advento da gravura e, conseqüentemente, da caricatura, na imprensa brasileira, deram-lhe considerável impulso, asseguraram novas condições à crítica e ampliaram a sua influência. Nesse sentido, o humorismo foi precursor da caricatura, que

apareceu quando as técnicas de gravação permitiram conjugá-lo à atração visual do desenho e da imagem.

Nos meios de comunicação de massa, o século XIX foi marcante para a proliferação das imagens gráficas em jornais e folhetins devido a invenção da litografia¹. Pode-se afirmar, ainda, que o uso de infográficos² contribuíram para a proliferação das charges e das caricaturas.

Os infográficos surgiram na imprensa pela necessidade que se tinha em passar as informações de forma mais clara e objetiva. Os gráficos informativos mostram aos leitores através de imagens os processos factuais que não são possíveis de serem registrados apenas com o texto ou com a fotografia. Ao mesmo tempo, o uso desse recurso é uma forma de atrair uma geração de leitores em que predomina o visual e a busca da informação de maneira prática e rápida

O uso dos primeiros infográficos em jornais datam de 1702, no *The Daily Courant*, primeiro diário inglês, e o *The Times*, de Londres, estreou um infográfico na primeira página em 1806, mostrando o passo a passo de um assassinato. Mas foi em 1888 que os crimes de Jack, o Estripador contribuíram para a publicação de uma série de infográficos no tablóide londrino *The Illustrated Police News* do dia 8 de setembro.

O jornal trazia na primeira página uma detalhada ilustração mostrando o rosto desfigurado de Polly Nichols, a primeira vítima do assassino de Whitechapel³. A ilustração buscava mostrar o retrato dos policiais que investigavam o caso, também mostrava os ferimentos da vítima, uma prostituta pobre, cujo o corpo já estava em estado de decomposição. Segundo Aragão (2005, p. 40), o jornal “desprovido de documentação visual para um caso tão importante, designou um artista para reproduzir por meio de desenho as feições da morta, acrescentando o máximo possível de elementos que emprestassem verossimilhança ao caso”.

¹ É uma técnica de gravura, um método de impressão a partir de imagem desenhada sobre base, em geral de calcário especial, conhecida como pedra litográfica. A base dessa técnica é o princípio da repulsão entre água e óleo. Atualmente são usadas como matrizes chapas de metal, embora a litografia artística clássica seja toda ela sobre pedra. No início do século XIX foi bastante utilizada para impressão de documentos, rótulos, cartazes, mapas, jornais, etc. Ela pode ser impressa em plástico, madeira, tecido e papel.

² São representações visuais de informação. Os infográficos são usados para explicar de forma mais dinâmica determinadas informações. O recurso pode combinar fotografia, desenho e texto.

³ Nome do bairro londrino onde Jack, o Estripador, praticava seus crimes. Embora diversas teorias tenham surgido desde então, a identidade de Jack o Estripador nunca pôde ser determinada. As vítimas eram sempre mulheres que ganhavam a vida como prostitutas.

A edição do periódico esgotou e os editores dos tablóides da época descobriram o gosto do público por crimes detalhadamente descritos via representação gráfica. De acordo com Aragão (2005), o episódio foi um marco na história do jornalismo pelo misto da reportagem gráfica com a interpretação editorial. É importante ressaltar que a noção de caricatura não existia, mas sim a do retrato.

A imprensa ilustrada européia

Ainda no século XIX, pode-se afirmar que as charges afloraram na imprensa periódica em um período histórico onde a crítica social e política fortaleceram esse tipo de gênero. A introdução da caricatura na imprensa é marcada por avanços tecnológicos, através da litografia, assim como a popularização dos jornais como veículos e fontes de informação pública. Da mesma forma, fortaleceu o caráter opinativo dos veículos de informação. Segundo Melo (2003, p.163), a opinião “se manifesta explícita e permanentemente através da caricatura, cuja finalidade satírica ou humorística pressupõe a emissão de valores”.

Na Europa, algumas publicações foram pioneiras na arte de satirizar os costumes políticos da época. Através da pintura, a caricatura ganha espaço e notoriedade por artistas que buscavam naturalidade explorando temas populares e do cotidiano. O destaque vai para Charles Philipon, um dos principais nomes da caricatura política francesa. Responsável por várias caricaturas contra Carlos X, rei da França (1824-1830), Philipon fundou duas grandes publicações humorísticas: *La Caricature* (1830) e *Le Charivari* (1832).

Le Charivari era uma revista de direcionamento político declaradamente esquerdista, mas acomodada às leis de imprensa da época. Já *La Caricature*, era outro jornal satírico que atacava, em particular, a burguesia parisiense e o sistema judicial francês. Ambos os periódicos tinham as imagens gráficas como um complemento dos registros verbais dos fatos da atualidade.

Philipon reuniu talentosos artistas gráficos da época como Honoré Daumier⁴, J. J. Grandville e Charles Joseph Traviés, mas as inspirações eram todas dele, o que fez com que fosse considerado o porta-voz para a caricatura política, sendo, inclusive, chamado de “Demônio da Caricatura”.

⁴ Daumier foi um dos mais importantes caricaturistas da França e ficou conhecido como o "Michelangelo da caricatura".

Em 1831, Philipon foi processado 16 vezes devido as suas publicações contra o rei da França Luís-Filipe (1830-1848). Em 1832 foi preso várias vezes. Apesar disso, as caricaturas tornaram-se cada vez mais ofensivas e agressivas nos seus ataques ao governo e ao rei. O caricaturista retratou Luís-Filipe como uma pêra, fazendo uma referência à forma da cabeça do rei.

Em 1841 é fundada na Inglaterra a revista *Punch*⁵ (“soco” em inglês) que teve uma longa e prolífica carreira (1841 a 1992 e 1996 a 2002). Idealizada por Henry Mayhew, a revista teve como colaboradores em sua primeira fase artistas como John Leech e Richard Doyle, pai de Sir Arthur Conan Doyle, criador de Sherlock Holmes. A equipe de *Punch* investia no cinismo com o governo, críticas à alta sociedade e ao modo como os trabalhadores eram tratados por seus empregadores.

De acordo com Aragão (2005), a trajetória de *Punch* marca a criação de momentos-chave na história da charge política devido a revista dedicar uma página central com críticas ilustradas às instituições, bem como ditar um padrão de valores e atitudes que prevaleceram como modelo de comportamento até o declínio do grande império britânico.

A revista inglesa alcançou um nível máximo de circulação na década de 1940 com 175.000 exemplares por tiragem. *Punch* sobreviveu até 2002 sendo considerada a revista que renovou o conceito de caricatura no século XX devido a sua capacidade de adaptação e sintonia com cada época. Em 2004, grande parte do arquivo da revista foi vendido a Biblioteca Britânica.

A imprensa ilustrada no Brasil

Para Miani (2001), a história da caricatura no Brasil sempre esteve associada ao combate e à crítica dos costumes e da política. O autor destaca que o termo caricatura era usado genericamente para designar qualquer tipo de desenho humorístico, contudo, deveria desencadear na produção do riso, na crítica escarnecedora e na sátira contundente. Foi com essa ideologia que surgiram no país, dezenas de periódicos e revistas com ilustrações humorísticas, principalmente no século XIX.

O primeiro exemplo no país de um desenho que busca representar a realidade de forma humorística data de 1831, na publicação *O Corcundão*, do estado de Pernambuco. A ilustração no jornal independente pode ser compreendida como uma crítica aos membros do

⁵ Informações sobre a revista podem ser acessadas no site <http://www.punch.co.uk>

Partido Restaurador, apelidados de “corcundas” pelos liberais e que, através da Sociedade Colunas do Trono, buscavam devolver a coroa a D. Pedro I, que dela havia abdicado cinco meses antes.

Em 1932, Miguel do Sacramento Lopes da Gama, conhecido como o padre Carapuceiro, funda em Recife o jornal *O Carapuceiro*. Segundo Periotto (2007), esse jornal foi notável ao fazer crítica de costumes, espaço muito bem aproveitado por seu editor que o utilizava para infringir à província de Pernambuco pesadas advertências sobre o modo de vida adotado por seus habitantes. *O Carapuceiro* também foi uma folha política cujas palavras ásperas atingiam os poderosos que impeliam o Brasil ao desgoverno e a burla sistemática das leis. Além disso, o jornal criticava bastante os estrangeiros que se estabeleciam no Brasil com muita liberdade e, inclusive, com privilégios econômicos.

Mas foi em 1837, data que registra a primeira charge assinada no Brasil, pelo jornalista Manuel Araújo Porto Alegre⁶ no Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro. "A Campainha e o Cujo" é considerada a primeira charge nacional e apresentava o jornalista Justiniano José da Rocha, diretor do jornal Correio Oficial do Rio de Janeiro, ligado ao governo, recebendo um saco de dinheiro. Logo, a propina foi o primeiro tema abordado na história da charge brasileira. Pelo fato das caricaturas não estarem presentes nos periódicos, elas eram vendidas separadamente do jornal ao preço de 160 réis.

⁶ Manuel Araújo foi poeta, arquiteto, urbanista, teatrólogo, professor de desenho, crítico e historiador de arte, vereador, diplomata e patrono da cadeira número 32 da Academia Brasileira de Letras. Como pintor, suas principais obras são: *Dom Pedro I, Selva Brasileira, Estudo para painel decorativo, Pietà, Colombo, Brazilianas e Estátua Amazônica*.



“A Campanha e o Cujo” de Manuel Araújo Porto Alegre – 1837

Fonte: Jornal da Associação Brasileira de Imprensa, n. 322, p. 3, 2007⁷.

Manuel Araújo ainda lançou em 1844, a revista *Lanterna Mágica*, considerada a primeira publicação de humor político da imprensa brasileira. O jornalista morou seis anos em Paris, sendo influenciado pela caricatura francesa, sobretudo por Honoré Daumier. *Lanterna Mágica* circulou entre 1844 e 1845 com apenas 22 edições, sendo o primeiro ilustrado com caricaturas, deixando de ser vendida separadamente.

Mas foi com o alemão Henrique Fleuiss⁸ que o Brasil ganhou um estilo único e diferenciado de publicação. No dia 16 de dezembro de 1860, a *Semana Ilustrada* é inaugurada no Rio de Janeiro, considerada um outro marco na caricatura brasileira, sendo referência para as demais publicações do gênero.

Henrique Fleuiss realizou uma intensa campanha de marketing para despertar a curiosidade do público leitor, produzindo o primeiro cartaz-anúncio ilustrado de que se tem notícia no Brasil. A primeira capa da revista foi espalhada estrategicamente por diversos

⁷ Edição extra do jornal sobre os 170 anos da caricatura no Brasil. Disponível em: <http://issuu.com/ucha/docs/jornaldaabi322a/2>. Acesso em 12 de agosto de 2008.

⁸ Em 1859, Fleuiss funda no Rio de Janeiro a primeira oficina de ensino de xilogravura no país. A oficina tornou-se em 1863, o Instituto Artístico Imperial por decreto de Pedro II do Brasil. “A escola profissional ministrava cursos regulares, com duração média de três anos, de litografia, de pintura a óleo e de aquarela, de tipografia, de fotografia e de xilografia, técnica de impressão que até então não se cultivava no Brasil. Os aprendizes pagavam módicas mensalidades durante o primeiro ano letivo, passando a receber remuneração pelos trabalhos executados, a partir do segundo ano. Dentre os inúmeros jovens que ali concluíram sua formação, vale lembrar o nome do tipógrafo João Henriques de Lima Barreto, pai do futuro escritor Lima Barreto” (GUIMARÃES, 2006, p. 04).

locais do Rio de Janeiro. O anúncio publicitário surgiu efeito e, ao ser lançado, tornou-se um sucesso de venda.

De acordo com Lucia Maria Guimarães (2006), pesquisadora que estudou a vida e a obra de Fleiuss, a publicação saía regularmente aos domingos com contos, poesias e crônicas, que abordavam os principais acontecimentos da Corte. O pequeno formato era composto por 8 páginas (quatro de texto e quatro de ilustrações), sendo que na página 1 apresentava desenho, 2 e 3 apresentam texto, 4 e 5, formavam a dupla central com ilustrações, as páginas 6 e 7 contêm apenas texto e a contracapa apresentava sempre imagens. Esse é o modelo que todas as revistas semanais ilustradas do período adotaram, tais como *Diabo Coxo*, *Cabrião*, *Ba-Ta-Clan*, *O Arlequim*, *O Besouro*, *O Mosquito*, a *Revista Illustrada*, *O Lobisomem*, entre outras.

A revista manifestava a opinião de Fleiuss através de um personagem central que comentava as notícias na capa da revista: o Dr. Semana. O personagem aparecia sempre no desenho da capa acompanhado por um escravo, um menino negro que dialogava com ele. Tão logo, Dr. Semana e o menino negro caíram no gosto popular. Pela *Semana Illustrada* passaram diversos escritores e jornalistas da época, tais como Machado de Assis, Quintino Bocaiúva, Pedro Luís, Joaquim Manoel de Macedo, Joaquim Nabuco, Bernardo Guimarães, entre outros.

O sucesso da revista estava na constante publicação de caricaturas de personalidades em suas páginas, geralmente inseridas num contexto crítico ou ridículo, além de manter uma periodicidade regular e um nível de bom alcance entre os leitores. Porém, Fleiuss não hesitava em adaptar e, inclusive, copiar caricaturas estrangeiras no seu periódico, o que levou com que seus colegas o criticassem. Outro fator que culminou para a decadência da revista foi sua incontestável admiração pela figura do Imperador Pedro II, a quem defendia bastante nas suas ilustrações. Apesar do grande sucesso e popularidade da *Semana Illustrada*, a revista saiu de cena em 1876.



Edição nº 1 da *Semana Illustrada* (1860)

Fonte: COSTA, 2007, p. 149.

No contexto das publicações humorísticas brasileiras, o trabalho do italiano Ângelo Agostini⁹, considerado “o repórter do lápis”, marcou o início de um estilo próprio brasileiro de fazer caricaturas. Sobre Agostini, Sodré (1999, p.217 e 218) destaca que:

ninguém manejou o lápis como arma no nível e com a eficácia do ilustrador metuculoso, que apanhava com o seu traço inconfundível não apenas os detalhes da observação colhida, mas a profundidade e a significação do que se

⁹ Nasceu em Vercelli (província de Alessandria, no Piemonte), Itália, em 1843. Estudou desenho e pintura em Paris e em 1859 veio para o Brasil, aos 16 anos. Agostini foi jornalista, repórter, editor e militante político. É apontado como um dos inventores mundiais das histórias em quadrinhos. No auge da fama, o artista se envolve num escândalo familiar e, em outubro de 1888, vai morar na França. Os planos eram de uma curta estadia, mas ele só retorna ao Brasil no final de 1894. Após seis anos na França, Agostini volta ao país no final de 1894 e, no ano seguinte, lança *Don Quixote* (1895-1903).

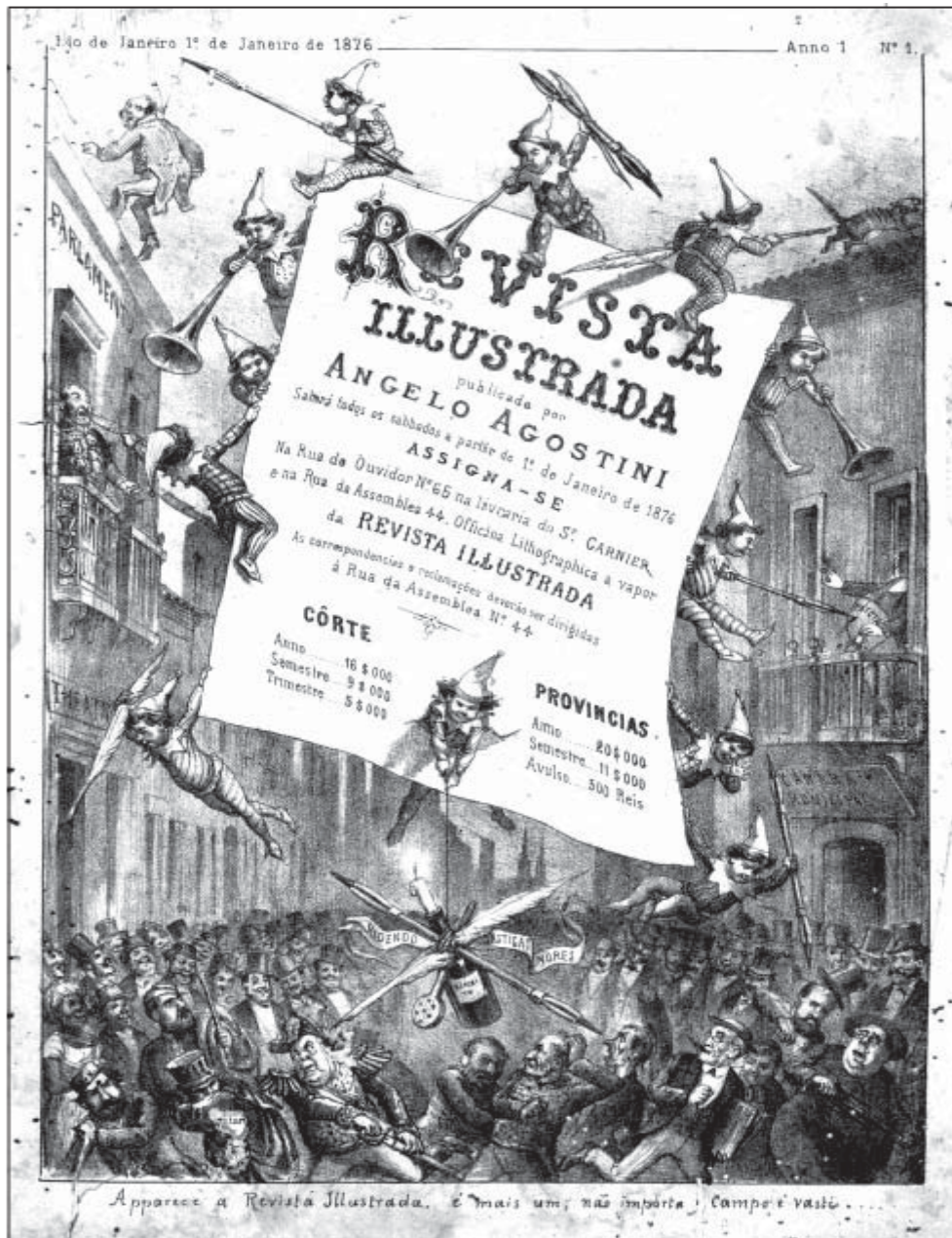
exteriorizava nesses detalhes. (...) Agostini foi dos mais expressivos exemplos de como a militância política enriquece, amplia e multiplica o efeito das criações artísticas autênticas sendo, ainda, dos mais brasileiros dos artistas que nos conheceram e nos estimularam, porque sentiu, compreendeu e expressou não apenas o que era característico em nós, daí a sua autenticidade, mas aquilo que representa o conteúdo do característico, isto é, o popular.

Em 1864, fundou o primeiro periódico ilustrado editado na cidade de São Paulo, o pasquim dominical *Diabo Coxo*, em parceria com Luis Gama. Com duração efêmera, o jornal circulou com 12 edições teve uma boa repercussão e as caricaturas do seu criador ficaram conhecidas como uma “arma de combate” contra a elite da província e do império. Em 1866, lança *O Cabrião*, juntamente com Américo de Campos e Antonio Manoel dos Reis, que circulava aos domingos e chegou a ter 51 números. A ousadia nos traços humorísticos fez com que Agostini enfrentasse ameaças, perseguições e processos judiciais.

Em 1867, Agostini vai para o Rio de Janeiro e integra-se ao jornal *O Arlequim*. Um ano depois o jornal passa a se chamar *A Vida Fluminense*, cujo primeiro número é lançado em 04 de janeiro de 1868 e o último em 1875.

Após circular por alguns jornais cariocas, Ângelo Agostini adquire maturidade enquanto caricaturista e edita sua própria revista, intitulada *Revista Ilustrada*, a partir de 1ª de janeiro de 1876. Medindo 18 centímetros de largura por 26 centímetros de altura, o periódico era composto de quatro páginas tipografadas com textos e outras quatro páginas litografadas contendo ilustrações, charges e caricaturas.

A *Revista Ilustrada* foi uma das publicações com maior regularidade do período, ultrapassando as fronteiras do Rio de Janeiro, além disso, sobrevivia apenas de assinaturas. Na edição de 31 de dezembro de 1889 alcançou a tiragem de quatro mil exemplares, número que segundo Sodré (1999), jamais foi alcançado por um jornal ilustrado na América do Sul. Com longa vida, a revista circulou por 22 anos, até agosto de 1898 interrompendo sua participação na história da imprensa e do jornalismo brasileiro.



Primeira edição da *Revista Illustrada* de Ângelo Agostini (1876)

Fonte: COSTA, 2007, p. 149.

Ainda no século XIX, diversos periódicos ilustrados destacam-se no cenário brasileiro. *O Mosquito* “Jornal caricato e crítico” lançado em 19 de setembro de 1869, circulou durante oito anos no Rio de Janeiro. A publicação semanal encerrou suas atividades com a edição nº 416, em maio de 1877.

Outro grande periódico de destaque é *Ba-ta-clan*, dirigida pelo francês Charles Berry, cujas páginas manifestavam repúdio ao governo imperial e os estadistas brasileiros. A revista era impressa em grande formato e, no seu período áureo, em 1859, chegou a medir 46

x 32 centímetros. O formato alternava com oito ou quatro páginas e na capa, mostrava sempre uma caricatura colorida a mão, em geral retratos-charge de execução litográfica de alta qualidade.

Em 1875, Rio de Janeiro ganha mais uma grande publicação de grande impacto entre os cariocas. *O Mequetrefe*¹⁰, de propriedade de E.J. Correa e Pedro Lima circulou por 18 anos. De acordo com Carlos Roberto da Costa (2007), que estudou as revistas impressas do século XIX, a linguagem de *O Mequetrefe* apresentava textos curtos e mais diretos, menos humor de salão, menos chistes e jogos de palavras.

A imprensa ilustrada gaúcha

No Rio Grande do Sul, os primeiros periódicos humorísticos, críticos e ilustrados começaram a surgir às vésperas da última trintena do século XIX. Segundo Athos Damasceno (1962), autor que estudou a imprensa caricata gaúcha, a primeira revista humorística foi lançada a 7 de julho de 1867. *A Sentinela do Sul*, de Júlio Timóteo de Araújo e Manuel Felisberto Pereira da Silva, em julho de 1867, perdurou por apenas dois anos, tendo como chargista principal Inácio Weingärtner, “um desenhista capaz de explorar a caricatura com relativo sucesso, proporcionando-nos algumas páginas de chiste de boa classe” (DAMASCENO, 1962, p. 16).

No dia 19 de julho de 1874, os gaúchos contam com *O Guarani*, sucessor de *A Sentinela do Sul*, composto de oito páginas, sendo quatro de texto e quatro de caricaturas. Considerado como um jornal escrito para as famílias, *O Guarani* apresentava críticas e alfinetadas inocentes à política gaúcha. No mesmo ano, em setembro de 1874, lança a derradeira edição do jornal e dissolve-se.

Uma grande publicação cultural é lançada no Rio Grande do Sul em 1869. *A Revista do Parthenon Literário* circulou até 1879, com pequenos intervalos, em um período de efervescência social e política, com a Guerra do Paraguai em andamento, as idéias republicanas em expansão e uma forte retomada do movimento abolicionista. Essa revista

¹⁰ Ao longo de dezoito anos de existência, passaram pelo periódico grandes ilustradores como Candido Arangonez Faria, Antônio Alves do Vale, Antônio Bernardes Pereira Netto, Joseph Mill e Aluizio Azevedo, que faz nesta publicação sua estréia como caricaturista, utilizando o pseudônimo de Arthur Lucas (Bambino). A redação ainda contava com a colaboração de Artur Azevedo, Olavo Bilac, Henrique Lopes de Mendonça, Raimundo Correia e Filinto de Almeida.

surgiu a partir da Sociedade Parthenon Litterario¹¹, um movimento que reunia escritores gaúchos liberais e republicanos, promovendo a circulação de matérias literárias em diferentes jornais do Estado. A revista continha críticas literárias, biografias, comentários, editoriais e estudos sobre a história e cultura gaúchas.



Primeira página de A Sentinella do Sul. Charge de Inácio Weingärtner (1867)
Fonte: DAMASCENO, 1962, p. 15.

A imprensa ilustrada no século XX

¹¹ A Sociedade precedeu 30 anos a Academia Brasileira de Letras, publicando diversas obras literárias. Entre os membros da sociedade destacam-se: Apolinário José Gomes Porto-Alegre, Afonso Luís Marques, Argemiro Galvão, Bernardo Taveira Júnior, Carlos von Koseritz, Francisco Antunes Ferreira da Luz, Francisco Isidoro de Sá Brito, Hilário Ribeiro, Inácio de Vasconcelos Ferreira, José Bernardino dos Santos, João Damasceno Vieira Fernandes, José Carlos de Sousa Lobo, Lobo da Costa, Múcio Scevola Lopes Teixeira, entre outros. Entre as mulheres, Luciana de Abreu destacou-se por ser a primeira mulher a subir na tribuna para falar em público. A sociedade foi extinta em 1925.

A imprensa ilustrada no século XIX é marcada por um contexto político em que havia um processo de declínio do Império, assim como o fim da escravidão, da Guerra do Paraguai e o movimento republicano. A imprensa humorística que combatia os costumes da época ganhava maturidade e experimentava fórmulas para vislumbrar a atenção do grande público.

É no século XX que novos contextos sociais e inventos tecnológicos vão definir novos padrões de consumo com a instauração da modernidade junto à sociedade. As revistas ilustradas acompanham essa modernização adotando em seus conteúdos teores mais artísticos e literários, visto que o processo de urbanização se intensifica nas cidades. Nesse cenário, os meios de comunicação começam a introduzir técnicas de registro sonoro, impressão e reprodução de textos, assim como a difusão da fotografia, da telefonia e da indústria cinematográfica.

A passagem do século é marcada pela introdução da zincografia¹² como processo gráfico substituindo a litografia. Segundo Teixeira (2001, p. 24), o traço da charge agora ganha mais leveza, cores e as revistas ilustradas “não abrigam mais as polêmicas sátiras de outrora, nem praticam a ácida crítica de costumes que as tinham notabilizado naquele período. Sua função é mais prosaica e sua preocupação, tão-somente, documentar a sociedade emergente”. As charges assumem agora a função de divertir e, em segundo lugar, informar através de temas aleatórios como a piada de costumes ou a leve crítica política.

Na virada do século XX, no ano de 1900, começa a circular no Rio de Janeiro, a *Revista da Semana*, de Álvaro de Teffé, a primeira a usar recursos fotográficos na ilustração. As novas técnicas de impressão fizeram com que as revistas ilustradas se multiplicassem nas capitais do país, possibilitando anúncios coloridos.

A *Revista da Semana* acompanhou a tecnologia, assim como os avanços da fotografia, trazendo reportagens repletas de fotos e, às vezes, muito mais fotos do que notícia escrita (SODRÉ, 1999). Havia até seções em estúdio para simular crimes que ilustrassem as reportagens. Com enfoque político, o semanário perdurou até 1962 e por ela, passaram alguns dos principais intelectuais e artistas da época. O periódico foi um veículo importante para as charges de J. Carlos e Raul Pederneiras, entre outros.

¹² Técnica para imprimir gravuras a partir de chapas de materiais econômicos como o zinco e o alumínio. O desenho é feito na lâmina com uma tinta especial, aprofundando os talhos brancos com um banho de ácido que transforma o desenho em clichê, pronto para ser impresso. A técnica permite a utilização de recursos como luz, sombra e meios tons, com a vantagem de que a matriz fica pronta para a impressão rapidamente.

A popularidade da *Revista da Semana* disputaria com *O Malho*¹³, que começou em 1902, as preferências do público da época. Sobre as charges, apesar da melhoria de sua produção, impressão e apresentação, elas perderam o lugar privilegiado que tinham como instrumentos de comunicação social para os jornais diários. Contudo, *O Malho*, fundada por Luís Bartolomeu, foi a revista político-humorística que teve, ao longo de sua existência, os melhores caricaturistas da época, sendo uma das mais prestigiadas revistas de crítica. Devido a Revolução de 1930, a publicação ficou impedida de circular no Brasil.

No universo dos caricaturistas, onde os homens se destacam, uma mulher foi pioneira na arte do traço humorístico. Segundo Aragão (2007, p. 6), Nair de Teffé¹⁴ foi a primeira-dama da caricatura brasileira, “nem tanto pela qualidade – considerada por alguns discutível – mas por ter sido a primeira mulher caricaturista brasileira e também... a primeira-dama da República”. Nair foi casada com o Marechal Hermes da Fonseca, que governou o Brasil entre 1910 e 1914. A artista iniciou sua carreira em 1909 na revista *Fon-Fon*, passando por periódicos ilustrados como *Careta*, *O Malho* e até em revistas francesas, onde usava o pseudônimo Rian (Nair ao contrário).

*Fon-Fon*¹⁵ surgiu em 1907 no Rio de Janeiro, idealizado por Gonzaga Duque. O nome da revista era uma onomatopéia do barulho produzido pela buzina dos automóveis. Segundo Sodré (1999), *Fon-Fon* espelhava o esnobismo carioca, fazia crítica e apresentava flagrantes e tipos do set da cidade com muita fotografia e muita ilustração. Tratava principalmente dos costumes e notícias do cotidiano e foi publicada até agosto de 1958.

No percurso das principais revistas ilustradas do Brasil, *O Cruzeiro* pode ser considerada uma das principais publicações do século devido a introdução de novos meios gráficos e visuais na imprensa brasileira. Entre suas inovações, o fotojornalismo e a inauguração das duplas repórter-fotógrafo, a mais famosa sendo formada por David Nasser e Jean Manzon. Começou a ser publicada em 10 de novembro de 1928 pelos Diários Associados de Assis Chateaubriand.

A cobertura do suicídio de Getúlio Vargas, em agosto de 1954, fez com que a revista atingisse a impressionante tiragem de 720.000 exemplares, até então, o máximo alcançado fora a marca dos 80.000.

¹³ A versão online da primeira edição está disponível em <http://www.memoriaviva.com.br/omalho/>.

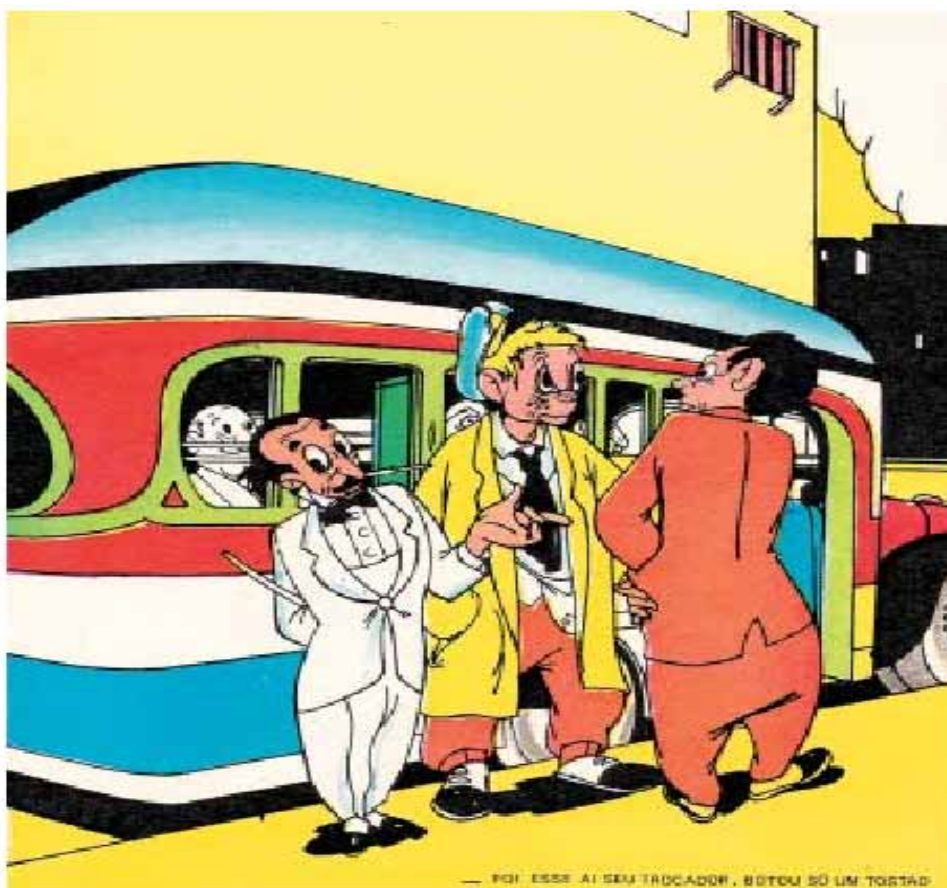
¹⁴ A caricaturista revolucionou o Palácio do Catete ao convidar Chiquinha Gonzaga para tocar o maxixe Corta-Jaca em um sarau no ano de 1914, quebrando os protocolos em um período que os salões da elite só tocavam valsas. Nair de Teffé viveu até os 95 anos, falecendo em 1981.

¹⁵ A digitalização completa da revista está disponível na Biblioteca Nacional, através do endereço eletrônico: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_anos.htm.

O Cruzeiro contava fatos sobre a vida dos astros de Hollywood, cinema, esportes e saúde. Ainda contava com seções de charges, política, culinária e moda. As capas eram bem trabalhadas, muitas fotografias e ilustrações. A década do surgimento da revista insere-se em um contexto onde emerge no país o jornalismo sensacional e político.

Em *O Cruzeiro*, surgiu a mais importante personagem da história do humor gráfico brasileiro do século XX: *O Amigo da Onça*. Criado pelo pernambucano Péricles de Andrade Maranhão, foi publicado pela primeira vez no dia 23 de outubro de 1943. Satírico, irônico e crítico de costumes, o *Amigo da Onça* aparece em diversas ocasiões desmascarando seus interlocutores ou colocando-os nas mais embaraçosas situações. A expressão "amigo da onça" provém de uma anedota popular na qual dois amigos se encontram e começam a falar de caça.

Nos anos 60, *O Cruzeiro* entrou em declínio com o desuso de suas fórmulas e o surgimento de novas publicações¹⁶. A última edição circulou em julho de 1975 com o fim dos Diários Associados de Chateaubriand.



A primeira charge de “O amigo da Onça”
Fonte: Revista Cruzeiro – 1943

¹⁶ Revistas Manchete (1952-2000) e Fatos & Fotos (1961-1984)

Em plena vigência do AI-5, em 1969, a imprensa brasileira falava baixo. È nesse cenário que surge no Brasil o jornal mais influente de oposição à ditadura militar: *O Pasquim*. Sobre o periódico, não há nenhum autor que o tenha estudado com tanta propriedade como José Luiz Braga (1991).

No dia 26 de junho de 1969 chegou às bancas do país uma das mais revolucionárias experiências do jornalismo brasileiro. A marca de mais de 200 mil, em meados dos anos 70, tornou *O Pasquim* um dos maiores fenômenos do mercado editorial brasileiro. Criado a partir de um grupo criativo de jornalistas¹⁷, o tablóide era composto de idéias, humor, entrevistas e discussões.

As charges contidas no semanário não eram elaboradas a partir de pautas prévias “encomendadas” pelo editor. Ela funcionava como uma espécie de editorial, independente e personalizado. Sobre essa questão, Braga (1991, p. 159) salienta que:

O desenhista (encarado em uma perspectiva que o vê mais como artista que jornalista) tem a liberdade de escolher não só o assunto que prefere abordar, mas também o ângulo, a posição crítica, que não raramente é independente da linha editorial definida para a folha. Uma só determinante: que o assunto seja da atualidade imediata.

No final da década de 60, após uma entrevista polêmica com Leila Diniz¹⁸, foi instaurada a censura prévia aos meios de comunicação no país, por um decreto que ficou conhecido pelo nome da atriz. Em novembro de 1970, quase toda a equipe do jornal foi obrigada a tirar férias forçadas depois que foi publicada uma sátira do célebre quadro de Dom Pedro às margens do Ipiranga. No dia primeiro de novembro todos foram apanhados e levados para a Vila Militar: Sérgio Cabral, Tarso de Castro, Ziraldo, Fortuna, Paulo Francis, Luiz Carlos Maciel e Flávio Rangel. Os únicos a escapar foram Millôr e Henfil, que, até o retorno do grupo, se encarregaram de tocar o jornal, com a ajuda de outros colaboradores como Chico Buarque, Antônio Callado, Rubem Fonseca, Odete Lara, Gláuber Rocha, entre outros intelectuais cariocas.

¹⁷ O projeto nasceu no final de 1968 após uma reunião entre o cartunista Jaguar e os jornalistas Tarso de Castro e Sérgio Cabral. Com o tempo figuras de destaque na imprensa brasileira como Ziraldo, Millôr, Prósperi, Claudius e Fortuna, se juntaram ao time e a primeira edição saiu em 1969. A publicação contava com a colaboração de nomes como Henfil, Paulo Francis, Ivan Lessa, Carlos Leonam, Sérgio Augusto, Ruy Castro e Fausto Wolff. Como símbolo do jornal foi criado o ratinho Sig (do psicanalista Sigmund Freud), desenhado por Jaguar, baseado na anedota da época que dizia que "*Se Deus havia criado o sexo, Freud criou a sacanagem*".

¹⁸ Leila disse tantos palavrões ao longo da conversa (substituídos ironicamente por asteriscos nas páginas do jornal) que o então ministro da Justiça, Alfredo Buzaid, meses depois, determinou que houvesse censura prévia aos meios de comunicação, em nome da moral e dos bons costumes.

O jornal não deixou de circular uma semana sequer, no entanto, ficou sob o regime de censura prévia até 1975, quando receberam a informação de que estavam dispensados de submeter o material à “apreciação” dos censores. Porém, continuaram as prisões nos anos seguintes e, na década de 80, bancas que vendiam periódicos alternativos passaram a ser alvo de atentados a bomba.

O jornal ainda sobreviveu à abertura política em 1985, graças aos esforços de Jaguar, o único da equipe¹⁹ original a permanecer no semanário. A última edição, de número 1.072, foi publicada em 11 de novembro de 1991. Em 2002, Ziraldo e seu irmão Zélio Alves Pinto lançaram uma nova edição do *O Pasquim*, renomeado *O Pasquim21*, mas teve vida curta e deixou de ser publicado em meados de 2004.

A charge conquista as novas mídias

Jornais, revistas e periódicos humorísticos foram durante longos anos, os únicos meios de visibilidade dos traços gráficos como charges e caricaturas. No entanto, o final do século XX foi marcado por revoluções digitais que permitiram a migração das charges para essa nova mídia. Da mesma forma, os meios de comunicação de massa passaram a adaptar-se a essa nova realidade midiática como estratégia de pertencimento junto a um novo tipo de público surge com o advento da internet.

Essa nova mídia compreende um universo com ampla possibilidade de variedades e experimentações tanto de textos quanto de informações. Nesse cenário, surgem as charges eletrônicas, com a junção de elementos audiovisuais como som e animações gráficas para encorpar ainda mais a charge “tradicional”.

Em 1995, o cartunista Julio Mariano²⁰ criou o *Charge Online* (www.chargeonline.com.br), espaço que serviu para divulgar na *web* seus trabalhos. As charges eram feitas para o jornal, mas havia alguma experimentação com animação através de Gifs animados. No portal Terra tinha também o Cybercomix, que publicava animações de autores como o Laerte.

¹⁹ No carnaval carioca de 1990, toda a equipe de *O Pasquim* foi homenageada pela escola de samba Acadêmicos de Santa Cruz com o enredo "Os Heróis da Resistência".

²⁰ O criador do Chargeonline trabalhou no jornal *O Pasquim* e *O Globo*, fez charges diárias na Última Hora por 11 anos e em praticamente todos os jornais alternativos dos anos 70 e 80. Ganhou vários prêmios em Salões de Humor e foi um dos primeiros cartunistas a usar computador como ferramenta de trabalho.

Após 13 anos, desde sua criação, o *Chargeonline* conquistou um público fiel que pode ser observado pelo número de acesso que o site teve por esses anos. As visitas chegam a marca de 1,5 milhões de pageviews. Diariamente são publicadas cerca de 45 a 60 charges de caricaturistas dos principais jornais do Brasil. A charge fica no ar durante um dia com o crédito dos jornais locais onde originalmente saíram.

Em fevereiro de 2000, o ciberespaço ganha as criações do cartunista Maurício Ricardo Quirino, através do site *Charges.com*, incorporando áudio e música nas charges. Em dezembro de 2001, o site hospeda-se no portal *Globo.com*, onde liderar o ranking dos sites de humor brasileiros. Atualmente, o endereço eletrônico do site é www.charges.com.br, hospedado pelo portal UOL.

Na televisão, o ano de 1983 marca a estréia do cartunista Chico Caruso no Jornal da Globo com charges animadas de improviso, seqüencial e sem muitos recursos. Naquela época, o trabalho levava uma semana para ser veiculado. Em 2003, teve suas charges no Jornal Nacional e, mais recentemente, no Fantástico, também da Rede Globo. Em 2008, Chico Caruso volta ao Jornal da Globo com as charges Jogo Rápido e Bate Papo.

Os temas que norteiam as charges de Caruso são as notícias políticas de grande repercussão na mídia nacional e internacional, tais como eleições norte-americanas, corrupção, inflação, etc. Os acontecimentos, os discursos e as situações gerados pelo campo político servem de tema inspirador para a criação da história de humor, envolvendo a caricatura de personagens importantes do espaço político tais como Lula, Jorge W. Bush, Hugo Chavez, Evo Morales, entre outros.

O trabalho de Caruso, com o passar dos anos, ganhou novos traços, possibilitado por avanços tecnológicos. Na televisão, a tecnologia transforma os traços humorísticos das charges em personagens tridimensionais, articulados capazes de qualquer movimento e expressão. Cada cena é desenhada pela equipe de arte da TV Globo em cima do texto elaborado pelo cartunista. Os personagens ganham fala e Chico narra todas as vozes.

Através das “molduras” dadas pela televisão, a charge torna-se mais interativa e, por que não dizer divertida, já que nela são acoplados efeitos sonoros que ajudam o expectador a compreender e interpretar melhor os acontecimentos. A charge eletrônica engendradora práticas complexas que possibilitam uma relação com a linguagem unindo as palavras a diversas semioses: sons, imagens e formas em movimento.

Considerações finais

A trajetória do humor gráfico na mídia, até aqui traçado de forma breve, mostra que o trabalho realizado no século XIX imprimiu na imprensa brasileira um caráter combativo e crítico, registrando uma nova posição dos artistas frente à sociedade da época.

As revistas e os jornais de humor sempre tiveram sucesso no Brasil, criticando a política e os costumes. A imprensa ilustrada tinha apenas a litografia como técnica de impressão e, no período do Segundo Reinado, foi a época de ouro da caricatura com destaque para artistas como Ângelo Agostini, Rafael Bordalo Pinheiro, Cândido de Faria, entre outros. Apesar do sucesso da imprensa ilustrada no país, as revistas enfrentavam dificuldades econômicas, além de irregularidades nas publicações, com constantes interrupções.

Tais fatores podem ser explicados devido a função social que a caricatura imprime enquanto gênero jornalístico. Segundo Melo (2003, p.166), a imagem nos veículos de comunicação coletiva “motiva de tal modo o leitor e produz uma percepção tão rápida na opinião que se torna instrumento eficaz de persuasão”. O mesmo pensamento é compartilhado por Miani (2001) ao afirmar que a charge intervém no processo de definições políticas e ideológicas do receptor, pois o humor tem esse poder de sedução.

Por isso, a caricatura incomoda tanto os donos do poder que se vêem ameaçados diante dos traços produzidos por caricaturistas. Ao longo da história, existem vários casos de governos que impediram a veiculação de caricaturas como na França em meados do século XIX e no Brasil, durante o governo militar.

O humor vem acompanhando os principais acontecimentos da história do nosso país desde que surgiu a primeira charge brasileira que se tem notícia, em 14 de fevereiro de 1837, "A Campanha e o Cujo", de autoria de Araujo Porto-Alegre.

Com o passar dos anos, o desenho de humor foi ganhando novos contornos devido aos avanços que possibilitaram o ingresso da charge em ambientes midiáticos distintos. Desde o primeiro desenho feito em uma grande e pesada pedra litográfica até os mais recentes em sofisticados softwares, os assuntos continuam os mesmos, mantendo qualidade artística e humor de personalidade. O que mudou foram os traços dos desenhistas, principalmente pelas mudanças tecnológicas na impressão, onde foram possibilitadas e talvez até impostas formas diferentes de desenhar frente ao mundo contemporâneo.

Referências Bibliográficas:

ARAGÃO, Octavio. **A reconstrução gráfica de um candidato.** Como os chargistas perceberam a mudança de imagem de Luis Inácio Lula da Silva. Tese de doutorado. UFRJ, 2005.

_____. **Charges e Política – O riso moldando um país.** *História, imagem e narrativas*, nº 5, ano 3, setembro/2007. Disponível em: <http://www.historiaimagem.com.br/edicao5setembro2007/11-charge-octavio.pdf>, acesso em 23 de agosto de 2008.

BRAGA, José Luiz. **O Pasquim e os anos 70.** Brasília, Editora da UNB, 1991.

COSTA, Carlos Roberto da. **A revista no Brasil, o século XIX.** Tese de Doutorado, USP, 2007.

DAMASCENO, Athos. **Imprensa Caricata do Rio Grande do Sul no século XIX.** Porto Alegre, Editora Globo, 1962.

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. **Henrique Fleiüss: vida e obra de um artista prussiano na Corte (1859-1882).** *Revista Artcultura*, V. 8, N. 12, 2006. Disponível em: <http://sitemason.vanderbilt.edu/files/lretmo/Guimaraes%20Lucia.doc>, acesso em 27 de agosto de 2008.

MEDEIROS, Iara Lima. **A Comunicação Social como agente para a conscientização de problemáticas urbanas.** O caso dos Quadrinhos e a Educação de Trânsito na Região Metropolitana do Recife (RMR). Monografia de conclusão de curso. Faculdade Frassinetti do Recife – FAFIRE, 2006.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1985.

MIANI, Rozinaldo Antonio. **Charge: uma prática discursiva e ideológica.** Anais do XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Campo Grande (MS), 2001.

PERIOTTO, Marcília Rosa. **O jornal “O Carapuzeiro”(1832-1845): uma leitura na perspectiva da história da educação.** Anais do 16º Congresso de Leitura do Brasil, Campinas, 2007. Disponível em: http://www.alb.com.br/anais16/sem05pdf/sm05ss16_07.pdf, acesso em 21 de agosto de 2008.

RAHDE, Maria Beatriz. **Origens e evolução da história em quadrinhos.** *Revista Famecos*, nº 5, novembro/1996. Disponível em <http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/5/rahde.pdf>, acesso em 19 de agosto de 2008.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** 4ª edição, Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. **O traço como texto: A história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930.** *Cadernos Avulsos*, Nº 38. FCRB, 2001.

